

Recebido em: 07 Ago. 2023 Aprovado em: 24 Out. 2023 Publicado em: 31 Out. 2023

DOI: [10.18554/rt.v16i2.6983](https://doi.org/10.18554/rt.v16i2.6983)

v. 16, n. 2 – Maio / Ago. 2023

TRABALHO DOCENTE ANTES E DURANTE A PANDEMIA DA SARS-COV 2: OS IMPACTOS NA VIDA DOS PROFESSORES

TEACHING WORK BEFORE AND DURING THE SARS-COV 2 PANDEMIC: THE IMPACTS ON TEACHERS' LIVES

LABOR DOCENTE ANTES Y DURANTE LA PANDEMIA DEL SARS-COV 2: LOS IMPACTOS EN LA VIDA DE LOS DOCENTES

Gabriela Mendes Pereira Nascimento

E-mail: gabriela_mendes@edu.uniube.br

Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br

RESUMO

Em diferentes tempos, o trabalho docente tem se modificado, embora nem sempre os efeitos das mudanças sejam compreendidos e administrados pelos sujeitos que trabalham, dada a experiência da alienação e do sofrimento. Neste artigo, analisa-se o trabalho docente, a partir dos resultados de uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados SciELO, BVS e Google Acadêmico, observados os descritores “trabalho docente e pandemia”; “trabalho remoto”; “subjetividade”, no período de 2019 a 2021. O objetivo é descrever as novas condições, os conteúdos, a organização do trabalho docente nos últimos três anos (2019 – 2021), em especial o remoto e seus impactos sobre a vida dos professores. Dentre os resultados, tem-se que dado o avanço tecnológico e suas relações com a reestruturação produtiva e o processo de globalização da economia, as mudanças têm sido crescentes. Mais recentemente, em decorrência da pandemia do Coronavírus, novas condições, conteúdos e formas de exercício da profissão tomaram de surpresa os docentes. Grande parte deles foi submetida a uma aprendizagem rápida e emergencial para uso de diversas tecnologias, até então desconhecidas por muitos deles. Em conclusão, os docentes tiveram que lidar com novas formas de organização e intensificação de trabalho, além da sobrecarga de trabalho, desgaste, mal-estar e adoecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Organização do trabalho docente. Condições do trabalho docente. Saúde mental.

ABSTRACT

In different periods, the teaching work has been modified, but the effects of such modifications are not always understood and managed by the subjects who work. In this article, teaching work is analysed, as from the results of a bibliographical research in the data bases of SciELO, BVS and Academic Google, observing the keywords “teaching work and pandemic”; “distance working”; “subjectivity”, from 2019 to 2021. The purpose is to describe the new conditions, the contents and organization of the teaching work in the last three years (2019 – 2021); in a special sense, to analyse

the emergency remote mode and its impacts on the lives of the teachers. Due to technological advance and its relations with productive re-structuring and the economic globalization process, changes have increased. More recently, due to the Coronavirus pandemic, new forms of exercise of the profession took the teachers by surprise. A great deal of them was submitted to a rapid and emergency learning period for the use of various technologies, which until then, were unknown to many. In conclusion, the teachers had to deal with transformation in the working methods and content, which entailed an intensification in the rhythm, and extensification of the working day, apart from the overload of tasks, exhaustion, discomfort, and emergence of illnesses of the abovementioned professionals.

KEYWORDS: Organization of teaching work. Teaching work conditions. Mental health.

RESUMEN

En diferentes momentos, el trabajo docente ha cambiado, pero los efectos de tales transformaciones no siempre son comprendidos y manejados por los sujetos que lo realizan. En este artículo se analiza el trabajo docente, a partir de los resultados de una investigación bibliográfica en las bases de datos SciELO, BVS y Google Scholar, observando los descriptores “trabajo docente y pandemia”; “trabajo remoto”; “subjetividad”, en el periodo de 2019 a 2021. El objetivo es describir las nuevas condiciones, contenidos y organización del trabajo docente en los últimos tres años (2019 – 2021); en particular el remoto emergencial y sus impactos en la vida de los docentes. Dado el avance tecnológico y su relación con la reestructuración productiva y el proceso de globalización de la economía, los cambios han ido en aumento. Recientemente, a raíz de la pandemia del Coronavirus, las nuevas formas de ejercer la profesión han tomado por sorpresa a los docentes. La mayoría de ellos experimentaron un aprendizaje rápido y de emergencia en el uso de diferentes tecnologías, hasta ahora desconocidas para muchos de ellos. En conclusión, los profesores tuvieron que lidiar con modificaciones en las formas y contenidos de trabajo que llevaron a una intensificación del ritmo y extensión de la jornada, además de la sobrecarga de tareas, agotamiento, malestar y enfermedades de estos profesionales.

PALABRAS-CLAVE: Organización del trabajo docente. Condiciones de trabajo docente. Salud mental.

INTRODUÇÃO

Em diferentes tempos e contextos, o trabalho tem se modificado sob várias formas, mas nem sempre os efeitos das modificações são percebidos, compreendidos e/ou administrados pelos sujeitos que trabalham. Nos últimos decênios, em decorrência do avanço tecnológico em suas relações com a reestruturação produtiva e o processo de globalização da economia, as mudanças têm sido crescentes e substantivas. Entre 2019 e 2021, dada a pandemia do Coronavírus, novas condições, conteúdos e formas de exercício da profissão tomam de surpresa os trabalhadores e a sociedade em geral. Uma nova organização produtiva se estabelece e tende a se sobrepor aos modelos de outrora. Nessa direção, a reestruturação

produtiva e as transformações tecnológicas propiciadas pela consolidação de uma cultura virtual têm apresentado novas exigências ao trabalhador, às quais ele é conduzido a atender, para que possa permanecer no mercado de trabalho.

Especialmente, no contexto da “terceira modernidade” marcada por “um capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2021) e, em muitas situações, pelo “privilegio de uma servidão voluntária” (ANTUNES, 2018), a natureza e a frequência das mudanças vêm orientando uma nova ordem subjetiva individual e coletiva, dentro e fora do ambiente de trabalho. Parece haver uma anestesia ou paralisia da crítica a afastar o sujeito de sua própria realidade, impedindo-o e/ou nele instalando uma dificuldade de assimilar os novos modos de trabalhar e suas relações com outras formas de sentir e de avaliar seus efeitos. É mais uma das manifestações do trabalho alienado que se expande na contemporaneidade e se impõe e/ou se mescla a tantos outros estranhamentos.

Muitos deixam-se levar pelos acontecimentos da realidade produtiva, sem sequer se interrogar o que dela advêm de realizações e/ou sofrimentos. Passa-se a exigir profissionais com dedicação quase total ao trabalho. E mais: que sejam flexíveis, dispostos a mudar, capazes de exercer múltiplas e diferentes tarefas, diferentemente dos tempos fordistas, marcados pela rígida divisão e estratificação do trabalho, em que o padrão esperado era o de trabalhador muito especializado, com operações parceladas a serem completadas pelas tarefas de outros, em que “solidariedade orgânica” (DURKHEIM, [1926] 1976) traçava o panorama da ordem social.

O que para muitos significou o afastamento do sentido do trabalho, favorecendo a alienação e distanciando o trabalhador de si; por outro lado, permitiu compreender que “a divisão do trabalho produz a solidariedade, não é apenas porque ela faz de cada indivíduo um cambista, como dizem os economistas; é que ela cria nos homens todo um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros de maneira durável” (DURKHEIM, 1926, p. 403 *apud* CASTRO; DIAS, 1976, p. 80), hoje parece perder o seu curso. Da propalada solidariedade dos tempos da divisão do trabalho da era industrial, passa-se ao aumento incondicional do individualismo, subjacente a uma “nova razão do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016) a atravessar o imaginário social, a fundar e/ou a fortalecer uma lógica de vida e de trabalho, em que do indivíduo é exigido sempre a se desdobrar intensamente no exercício de múltiplas tarefas e ser um profissional multifuncional, para se adequar e atender aos tempos toyotistas do trabalho na contemporaneidade, marcado pelo modo de produção – enxuta, estoque zero

e sob medida.

Em especial, dada a nova condição social, econômica e sanitária trazida pela epidemia do Coronavírus, tem-se uma realidade de trabalho em que alguns fatos se evidenciaram, outros surgiram e /ou se diluíram, definharam e/ou desapareceram; causando novos modos de ver e viver o trabalho. O que se faz nesse modo de produção; o que ocorre com quem nele se insere e como quem trabalha responde a tal processo é o que baliza e ajuda a explicar o trabalho docente em suas condições e emergenciais mudanças na pandemia.

Aqui interessa a compreensão do trabalho docente e os seus desdobramentos para o professor universitário. Seus modos de exercer a profissão e compreendê-la. Estão em questão os conceitos sobre o trabalho docente remoto; seus conteúdos e os métodos pelos quais é investigado e descrito na literatura dos últimos 3 anos. Assim, aqui importam os fundamentos da divisão social e técnica do trabalho (DURKHEIM, 1976), as contribuições de Marx sobre alienação do trabalho e as de outros autores, como Alves (2011), Antunes (2018) e Harvey (1999) que investigam a reestruturação do trabalho na atualidade, suas relações com a cultura virtual, a globalização e a vida de quem trabalha. Senão, vejamos.

O trabalho docente passou por mudanças repentinas e emergenciais impostas pela pandemia do SARS-COV2. As escolas ficaram desertas e as salas de aula foram substituídas pelos ambientes domésticos. A convivência entre professores e alunos cedeu lugar às comunicações por meio de sessões on-line, Google Meet, e-mails e WhatsApp. Compreender o que estava acontecendo no período pandêmico passou a ser uma forma de se situar em face de demandas emergentes, bruscas e intensas. A realidade tinha de ser enfrentada e a aprendizagem de novos modos de trabalhar se mostrava inadiável.

Assim, aqui trata-se de identificar e descrever, em uma perspectiva interdisciplinar e multidimensional, aspectos do trabalho em geral e do trabalho docente em especial, no contexto do sistema capitalista e da cultura virtual; articulando áreas do conhecimento e temáticas geralmente investigadas em separado, a exemplo de alguns estudos nos âmbitos da psicologia, da história, da educação e da sociologia de um lado; trabalho e trabalho docente de outro; ou de campos do conhecimento muito específicos como: sociologia do trabalho; psicologia do trabalho, história do trabalho. Tais campos do conhecimento permitem esclarecer aspectos do objeto de estudo centrado na questão do trabalho e suas inter-relações com a produção da subjetividade. Porém, o alcance destes estudos pode ser menor que o esperado, quando a questão ultrapassa fronteiras disciplinares e se propõe a alcançar a

complexidade e a multiplicidade de aspectos e processos a ela relacionados, de modo a favorecer explicações de fenômenos e situações para além do observável, do aparente e do não explícito, dado que essência e aparência são dimensões de um mesmo objeto que, para serem melhor entendidas, requerem ultrapassar o manifesto e atingir o a ele subjacente.

Aparência e realidade são distintas, embora inter-relacionadas a aspectos de um mesmo fenômeno. Desse modo, a descrição do trabalho docente respalda-se na análise do sistema capitalista em suas principais fases, determinações e expressões no mundo do trabalho, sob a forma de organização dos processos produtivos, sejam eles relativos ao Fordismo e/ou ao Toyotismo. Examinando a história e a organização do trabalho, seus avanços e recuos no contexto global, será possível entender suas implicações na configuração do trabalho docente e, conseqüentemente, na vida psicossocial e saúde dos trabalhadores no século XXI. Em assim sendo, esse artigo tem como objeto o trabalho docente em formato remoto e a subjetividade de professores em meio a cultura virtual, tomando como referência a produção científica no período compreendido entre 2019 e 2021. O objetivo é descrever as condições, os conteúdos, a organização do trabalho docente remoto nos últimos três anos e os impactos dessa nova realidade sobre a vida dos professores.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho docente tem passado por transformações em relação aos seus conteúdos, finalidades e natureza, seja em função da ampliação do papel social da escola, seja pelas muitas e diversas atribuições funcionais que vêm sendo apresentadas aos professores e deles requerido o seu cumprimento, independente dos níveis escolares ou modalidades de ensino em que atuam. Ser professor passa a ter um significado profissional ampliado e de múltiplas responsabilidades. Anterior à análise da literatura, referente ao trabalho docente no período de 2019 a 2021, buscou-se o seu significado dicionarizado que, segundo Oliveira e Duarte (2010), especialmente na educação básica, não se refere apenas à sala de aula ou ao ensino formal. Inclui a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação escolar. É todo ato que integra o processo educativo, visto que “o que define o trabalho docente não são a formação específica e o estatuto profissional [...], mas seu labor, sua experiência no processo educativo no lugar de quem educa ou contribui para”. (OLIVEIRA; DUARTE, 2010, p.01). O aporte teórico direciona-se pelas contribuições de González Rey, Dal Rosso, Harvey e Antunes. Seus estudos favorecem a compreensão dos sentidos do trabalho na vida

peçoal e profissional, uma vez que pelo trabalho se dá a constituição da sua subjetividade e se delineiam seus processos de singularização.

No ambiente modelado abruptamente pelas condições sanitárias relacionadas à epidemia, se redesenham o mundo do trabalho, o significado da educação e a subjetividade individual e coletiva. Por isso, nos interessa aqui identificar os diferenciais dos processos produtivos que regulam o trabalho, suas lógicas, implicações e interfaces com a subjetividade individual e coletiva em suas relações com as tecnologias digitais e a cultura virtual, que atravessam a escola e o ensino nesses tempos pandêmicos e pós-pandêmicos.

No período pandêmico, novas condições, conteúdos e formas de exercício da profissão surpreenderam os professores, principalmente pelo fato de grande parte deles ter sido submetida a uma aprendizagem acelerada e emergencial para utilização das diversas tecnologias, até antes desconhecidas por muitos, de modo a continuarem no meio educacional. Não se tratava de escolha. Era aderir ao que se apresentava ou desistir do trabalho e da profissão. Isso gerou angústia, dificuldades, desafios, submissão a longas jornadas de trabalho e potencializou o adoecimento de muitos docentes.

MÉTODOS

A pesquisa incluiu um levantamento de produções na forma de artigos e ensaios por meio de consulta às bases de dados SciELO, BVS e Google Acadêmico, no período de 2019 a 2021, usando os seguintes descritores: “trabalho docente” and “pandemia”; ensino remoto”; “subjetividade. A escolha das bases de dados se deu dado elas terem materiais, cujos conteúdos são bem qualificados e de acesso gratuito para todos. O período demarcado para revisão, mapeamento e seleção da literatura se deveu ao interesse em conhecer a produção sobre o trabalho remoto emergencial, melhor compreender as mudanças a que os professores estavam expostos e o modo como elas afetaram a sua subjetividade, no contexto da pandemia da Covid-19.

Observados os critérios de busca, foram localizadas 112 produções. Após a leitura dos títulos, dos resumos e palavras-chave, foram selecionados 24 artigos que, após uma filtragem, resultaram em 19 produções, 17 artigos na forma de artigos e 2 ensaios acadêmicos, que constituíram o material para análise. A filtragem de materiais deveu-se à grande parte de as produções escapar ao objeto de pesquisa “trabalho docente em formato remoto e

subjetividade de professores em meio a cultura virtual”. Após a seleção dos artigos, realizaram-se fichamentos para organização e sistematização de resultados, melhor compreensão das temáticas desenvolvidas e análise dos conteúdos relativos à literatura dos últimos 3 anos, segundo categorias escolhidas e em acordo com os aspectos centrais do objeto de estudo: trabalho docente; trabalho remoto; pandemia e saúde mental. Quanto à metodologia do *corpus* analisado e correspondente ao conjunto de materiais selecionados, constatou-se uma distribuição equilibrada entre pesquisa bibliográfica e de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalho docente

Com o avanço das transformações histórico-sociais, as demandas postas à educação têm transformado e redirecionado os conteúdos, formatos e objetivos do trabalho de professores. O trabalho docente que, por muito tempo, se reduziu ao espaço da sala de aula, à transmissão do conhecimento e ao acompanhamento da aprendizagem pelos processos de avaliação, mais recentemente, e em função do uso de tecnologias digitais, passa a apresentar alterações na sua natureza, ganha contornos imateriais e se expande em sua invisibilidade, incluindo conteúdos ampliados, atribuições expandidas e ritmos intensificados. As transformações não são exclusivas desse século. A análise da literatura indicou que o trabalho docente sempre sofreu modificações ao longo do tempo, de forma a atender às demandas postas.

Na segunda década do século 21, as mudanças mostram-se ainda maiores, mais substantivas e demarcadas, em virtude da crise sanitária da Covid-19, quando se configuraram ambientes exclusivos para o exercício da docência, requerendo apropriação de recursos e enfrentamento de desafios, “como o pouco conhecimento dos professores acerca das tecnologias digitais, a ausência ou a pouca participação dos alunos durante as aulas; e as limitações no processo avaliativo”. (MONTENEGRO; MATOS; LIMA, 2021, p.8).

No período pandêmico, novas condições, conteúdos e formas de exercício da profissão surpreenderam os professores, principalmente pelo fato de grande parte deles ter sido submetida a uma aprendizagem acelerada para utilização de diversas tecnologias, até então desconhecidas por muitos. Isso gerou angústia, dificuldades, desafios, submissão a longas jornadas de trabalho e potencializou o adoecimento de muitos profissionais. Para

continuarem no meio educacional, tiveram de enfrentar os desafios da mudança e aprender novos modos de trabalhar. Precisaram se reinventar para lidar com novos ambientes, diversas funções e uso de novas tecnologias, de modo a dar continuidade ao novo e emergencial formato de trabalho, denominado ensino remoto emergencial. Submetidos a novas condições de trabalho, tiveram fortemente afetadas sua profissão e saúde psíquica.

No contexto pandêmico, os professores precisaram aprender a utilizar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para realizar o trabalho remoto que, conforme apontado pela revisão da literatura, acarretou principalmente a intensificação de suas jornadas de trabalho, naquele momento misturadas ao ambiente familiar e às atividades domésticas. Além disso, se viram atingidos por uma sobrecarga de ocupações, em decorrência da nova organização do trabalho, então mais ampliada e diversificada. Segundo Imen (2010, p. 02), a organização do trabalho expressa o “como” levar adiante determinado trabalho, considerando a “orientação, sentido, conteúdos, relações, dinâmicas, estruturas, tecnologias, processos e produtos que o atravessam”.

Na pandemia e no ensino remoto, aos docentes, mostrou-se ser comum e quase normal, ultrapassar as atividades de sala de aula, para continuar o processo ensino-aprendizagem e atender aos objetivos e às orientações da escola. De modo geral, não se teve totalmente definido um horário de início e término das suas atividades laborais. Os afazeres eram tantos, que se misturavam ao descanso e/ou lazer de e em suas casas, cada vez mais reduzido. De tal realidade, resultou um quadro individual e coletivo, em que o trabalho acarretou, aos docentes, maior empenho, engajamento e vontade de contribuir. No entanto e nestas condições, não lhes proporcionou autonomia, prazer e reconhecimento. Embora tenham feito tudo o que poderiam e precisavam fazer, não receberam o reconhecimento das instituições e dos alunos. Todas essas mudanças refletiram-se na saúde dos docentes, na sua subjetividade e na qualidade de seus trabalhos.

Conforme Alves e Santos (2021, p. 13) “[...] as condições e a sobrecarga de trabalho, a necessidade de produtividade, as dificuldades frente as relações interpessoais são aspectos que no processo de trabalho influenciam de maneira negativa na subjetividade dos trabalhadores docentes”. Nessa direção, os professores sofreram muitas pressões e cobranças. Diante as dificuldades e desafios com que se depararam, intensificaram-se a exaustão, o sofrimento e a angústia. Isso interferiu em suas relações interpessoais e subjetividade, além de prejudicar a qualidade do seu trabalho e confirmar sua precarização. Segundo Araújo e

Mourão (2021, p.05),

[...] a precarização do trabalho insere-se na dinâmica da recente reestruturação capitalista - fenômeno que é resultado do avanço do modelo de acumulação, traduzido na permanente luta por competitividade, eficiência e lucro, provocando flexibilidade laboral, novas formas de contratação, menores salários, perda de direitos trabalhistas e ataque às organizações sindicais.

Para Araújo e Mourão (2021), a intensificação do trabalho, em um mesmo espaço de tempo, exige mais trabalho e resultados no mesmo espaço de tempo, o que significa aumentar a extração do trabalho e, conseqüentemente, provocar sua precarização social. As condições e organização do trabalho docente emergentes na pandemia da Covid-19, têm contribuído para intensificar a precarização do trabalho dos professores. O trabalho intensificado, a que os docentes estão cada vez mais submetidos, precariza a qualidade dos processos e objetos desse trabalho. A intensificação se traduz como: “[...] processos de quaisquer naturezas que resultam em um maior dispêndio das capacidades físicas, cognitivas e emotivas do trabalhador com o objetivo de elevar quantitativamente ou melhorar qualitativamente os resultados.” (DAL ROSSO, 2005, p. 5). O novo formato de trabalho docente potencializou e/ou agudizou o sofrimento nos docentes.

Conforme Galindo, Maciel, Matos, Viana, Vale e Silva (2020, p. 13), o ensino remoto provocou um “sentimento de inutilidade ao desgaste físico e emocional diante das atividades realizadas, ao estresse, ao sentimento de frustração, de insegurança e de falta de reconhecimento”; o que, a médio e longo prazo, pode significar uma forma de (des)profissionalização da docência.

Condições, conteúdos e natureza do trabalho docente

O final do século XX e o início do século XXI caracterizaram-se pela mudança espaço-temporal, mobilidade funcional, globalização econômica e impacto das TIC em todos os ramos da atividade humana; realçando a provisoriedade do conhecimento e a evolução da ciência (ALMEIDA, 2010). Segundo a mesma autora (2010), essas modificações evidenciaram, de um lado, a fragilidade da formação inicial como garantia do emprego e, de outro, a necessidade de aprendizagem permanente e ao longo da vida, para possibilitar a participação ativa na sociedade. Surgem novas necessidades centradas em uma formação desenvolvida em continuidade entre a formação inicial e a continuada, que ocorre em

diferentes espaços, tempos e situações, exigindo uma revisão dos contextos educativos formais e a integração das TDIC ao currículo. As transformações no mundo do trabalho, e na sociedade em geral, afetaram e continuam atravessando o trabalho docente, colocando em xeque a efetividade da formação convencional de professores, seu currículo, objetivos e metodologia. Isso ficou ainda mais evidente de 2019, ano em que emergiu a Covid-19 e submeteu os indivíduos a uma necessária e irreversível mudança de suas rotinas e hábitos, em especial, no que se refere ao meio educacional.

Diante a necessidade do isolamento social, as escolas precisaram fechar suas portas e o trabalho docente teve de prosseguir. As instituições de ensino foram substituídas pelos ambientes domésticos. O ensino remoto foi rapidamente implantado em algumas IES, mesmo que, às vezes, de forma limitada. Nem todos os alunos tinham acesso e/ou sabiam utilizar essas ferramentas digitais. Improvisações foram necessárias para não interromper as atividades escolares e tentar salvar o período letivo. Conforme o estudo "Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia", realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2020, no Brasil, cerca de 6 milhões de estudantes não tinham acesso à internet em casa e não conseguiram participar do ensino remoto.

Frente a essa realidade, muitos professores, que atuavam na modalidade presencial, não estavam seguros e prontos para atuação no ensino remoto, pois em suas formações não adquiriram o conhecimento das ferramentas tecnológicas necessárias à continuidade ao processo educacional. Foram obrigados a iniciarem as aulas remotas sem nenhum preparo e tempo para conhecê-las. Tiveram de renunciar às suas rotinas e sair de suas zonas de conforto. Suas jornadas de trabalho foram intensificadas e aumentadas, a fim de enfrentar os diversos desafios e se adaptarem a essas tecnologias, agora de extrema necessidade, para continuarem o processo ensino-aprendizagem; manterem seus empregos e, segundo Pentead e Costa (2021, p. 16), superarem as:

[...] precariedades formativas fundamentais para a produção de videoaulas: a linguagem audiovisual, a linguagem (expressividade verbal, vocal e não verbal) e a integração dessas linguagens, assim como falhas na socialização profissional docente (falta de apoio dos professores e de integração do professor na equipe).

Os professores tiveram que desenvolver suficiente competência digital para conseguirem lidar adequadamente com essas novas formas de organização de trabalho.

Conforme Perin, Freitas e Coelho (2021, p. 14),

[...] compreende-se a competência docente digital como um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que promovem a capacidade para utilizar habilidades pessoais, sociais e metodológicas em situações de trabalho ou estudo e desenvolvimento pessoal e profissional, e que são desenvolvidas pelos professores para o uso consciente, seguro e crítico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, nas atividades de ensino e aprendizagem.

Assim, os docentes que atingiram a competência digital são aqueles que desenvolveram suas competências tecnológicas, comunicacionais, informacionais, pedagógicas, axiológicas e sociológicas. Elas envolvem o manuseio de ferramentas digitais, habilidades de informação e comunicação, conhecimentos e habilidades para ensinar ou competências pedagógicas, para autodesenvolver-se e tratar das questões socioculturais que permeiam o trabalho docente. Segundo Perin, Freitas e Coelho (2021), as “competências de comunicação” referem-se ao fato de conhecer as mídias digitais, compartilhar, colaborar, interagir e comunicar em ambientes sociais, além de liderar equipes em redes.

As “competências de informação” relacionam-se à ideia de saber tratar a informação, conhecer as plataformas educacionais, transformar a educação em conhecimento e selecionar, organizar e avaliar os recursos tecnológicos, ainda conforme o pensamento dos autores. As “competências axiológicas” correlacionam-se ao autodesenvolvimento pessoal e profissional, às implicações sociais e éticas das TDIC e ao fato de aprender e colaborar em equipe. As “competências tecnológicas” referem-se ao manuseio de programas, instalação e segurança de equipamentos e criação de conteúdo digital; enquanto as “competências pedagógicas” relacionam-se às possibilidades de uso das TDIC, aos direitos autorais e publicação de informações, à solução de problemas teóricos e técnicos, à integração das TDIC ao currículo, além da mediação de aprendizagem com uso de TDIC. Por fim, as “competências socioculturais dizem respeito a “reconhecer a sociedade da informação, identificar as necessidades do aluno, as habilidades de adaptação ao mundo digital e a capacidade de inovação”. (PERIN; FREITAS; COELHO, 2021, p. 14).

Para desenvolver essas competências há necessidade de preparo e tempo; o que os docentes não tiveram com a pandemia e início das aulas on-line, ficando expostos a um desgaste físico, mental e psicológico, podendo estarem sujeitos a uma potencialização do sofrimento, por desenvolver o sentimento de incapacidade e impotência. Daí a importância

de se promover a integração do conhecimento dessas competências no currículo de todos os professores, desde sua formação acadêmica até o processo contínuo de seu desenvolvimento profissional. A aquisição dessas competências é importante para que os professores permaneçam no mercado de trabalho e qualifiquem, cada vez mais, suas funções. Tende-se a acontecer que se sobressaiam os que estiverem mais preparados.

Por isso a importância de desenvolverem sua formação profissional em ambientes em que o “capital humano” é a grande moeda, para a fortalecer um sistema que toma o sujeito como componente a mais a serviço do aumento do capital. Para Bruchêz, Kiekow, Seben e Doriono (2016, p. 03), o capital humano é um “[...] conjunto de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favorecem a realização do trabalho com a finalidade de produzir determinado valor econômico”. Nessa perspectiva capitalista, é muito importante que os docentes desenvolvam esse capital humano por meio dos conhecimentos, prática e experiência, de forma a atender às propostas e propósitos da educação e seus modelos dominantes vigentes, visto que eles precisam desses atributos para saírem da precarização e crescerem no mercado de trabalho. Smith (1776), Kelniar, Lopes e Pontili (2013) *apud* Idaiane (2019, p. 02) asseguram que:

[...] a busca por melhores condições de vida faz com que um indivíduo não meça esforço para se qualificar entre os demais da sociedade e, com isso, é necessário enfrentar sozinho as barreiras, que muitas vezes são colocadas pelas próprias leis humanas, mas isso não o impede de atingir os objetivos.

Em uma perspectiva neoliberal, o capital humano representa o que o indivíduo adquire em termos de conhecimento e que o torna mais apto para desenvolver determinada atividade e exercer certo cargo. Nesse sentido, embora o desenvolvimento do capital humano seja relevante para que professores se fortaleçam no mercado de trabalho, pode ocorrer que o preparo para o exercício das atribuições tenda a ser um esforço e uma conquista de cada um, levando a uma competição individual para sobrevivência dos “mais fortes”, podendo inclusive “impedir o desenvolvimento de consciência de classe, além de legitimar a desigualdade econômica ao permitir e ter como objetivo o mecanismo meritocrático de referendar a posição ocupacional de um indivíduo” (COSTA; ALMEIDA; SIMÃO, 2014, p. 04). A teoria do capital humano pode funcionar como um método para fortalecer os interesses de uma classe social e detrimento de outras; podendo contribuir para o crescimento da classe dominante, enquanto a maioria da chamada classe trabalhadora tende a ficar cada vez mais

alienada e sem controle sobre o seu trabalho, estando completamente alheia ao resultado e, por consequência, ao valor obtido a partir de seu trabalho. Por outro lado, é pelo trabalho, ao longo da história, que o indivíduo também se humaniza, domina e transforma a natureza a favor de suas necessidades, mesmo que, em muitos casos, ele tenha o seu trabalho não devidamente valorizado. A teoria do capital humano, ao mesmo tempo que incentiva a qualificação dos docentes, para melhor adaptá-los ao processo produtivo, contribui e/ou acaba os considerando como “mão de obra” moldável e a ser absorvida no mercado de trabalho, podendo evidenciar defeitos e limites dos sujeitos, intensificando a desigualdade, a discriminação e o sofrimento de alguns, quando comparados aos que apresentam maior “capital humano” e se distinguem em relação aos demais.

Cultura virtual, novos formatos e organização de trabalho docente

O século XX foi marcado por muitas transformações. Em todos os aspectos da sociedade, os trabalhadores transformaram a natureza e a si próprios. Produziram novos conhecimentos do ponto de vista científico, tecnológico, comunicacional, artístico sobre a organização social e do trabalho. Com o surgimento das novas tecnologias, ocorreram diversas mudanças na forma das pessoas se comunicarem, relacionarem, produzirem, consumirem e, até mesmo, na forma de se informarem e adquirirem conhecimentos relacionados à cultura virtual e à utilização das TDIC na vida e na profissão. Conforme Pellanda e Pellanda (2000 *apud* ROSA, 2004, p.61), “o espaço virtual é chamado de espaço cibernético, identificando-o como espaço de convivência da humanidade hoje”. É um espaço que assume destaque na vida dos indivíduos e, por isso, já tem importância, não só do ponto de vista social, como também econômico, ainda mais, frente ao distanciamento social imposto pela Covid-19, que intensificou mudanças na vida de todos, em especial dos docentes. Eles tiveram de lidar com uma nova organização e condição de trabalho para darem continuidade ao processo de ensino-aprendizagem. Segundo Lima e Pereira (2021, p. 02):

O processo de ensino e aprendizagem ultrapassou os limites do ambiente da sala de aula e adentrou na intimidade das residências, e a necessidade de comunicação com a equipe e articulação no desenvolvimento das atividades evidenciou-se cada vez mais importante, essencial. Novos desafios iam surgindo. Dentre eles, a urgente familiarização com novas ferramentas de auxílio ao trabalho remoto: plataformas de videoconferência (reuniões online), computação em nuvem, compartilhamento de tela, edição colaborativa de documentos e outros.

Antes da pandemia, os professores tinham certas rotinas: planejavam suas aulas, iam para as instituições escolares e desenvolviam o que haviam programado. Com o isolamento social imposto aos indivíduos pela Covid-19, essa organização do trabalho docente se modificou. Incluiu novos conteúdos e procedimentos para sua implementação; trazendo uma sobrecarga muito maior aos professores. As aulas já não eram mais ministradas nas escolas, mas sim nos ambientes domésticos; não se utilizava mais lousa e sim telas de computadores; o giz tornou-se algo ultrapassado, sendo substituído por mouse e teclado. A rotina dos professores precisou se transformar durante a quarentena, trocando a sala de aula por videochamada e o contado interpessoal direto por relações mediadas pelo computador. Preparar lições, gravar vídeos, produzir slides e apresentar os materiais online – tudo isso dentro de ambientes domésticos, onde as tarefas laborais se misturavam à gestão da casa – tornaram-se componentes da nova organização do trabalho docente e, infelizmente, a ponto de essa nova realidade de ensino sobrecarregar visivelmente os professores e/ou intensificar o sofrimento, a angústia, exaustão e o desgaste mental, conforme registros da literatura mapeada e selecionada.

O não domínio das novas ferramentas tecnológicas, associado ao contexto de autocobrança, pressão pelas instituições de ensino, demandando sempre mais resultados dos docentes, e à necessidade de inseri-las na prática pedagógica, além da sobrecarga de trabalho relacionada às obrigações domésticas - visto que os serviços, muitas vezes, se sobrepunham nesse novo local de trabalho (afazeres laborais e domésticos) - repercutiram na vida dos profissionais e se constituíram em um maior risco para a saúde e o desenvolvimento do sofrimento psicoemocional, agravando-se e evoluindo-se para um adoecimento mental desses docentes. O trabalho remoto, associado às mudanças nas rotinas, tendeu-se, de certa forma, a sobrecarregar o docente, desencadeando o aumento da ansiedade, do estresse, alterações no sono, humor, depressão, aumento da agressividade, dificuldade na tomada de decisão, alteração da atenção e da memória, além de limitações na concentração (RODRIGUES; SOUZA; TEIXEIRA; LARENTES, 2020).

Além do adoecimento mental, a nova organização do trabalho docente submeteu os professores a jornadas de trabalho sem fim, reduziu seus horários de lazer e descanso e provocou alterações na sua subjetividade. Segundo Alves e Santos (2021, p. 13), “pode-se observar que as condições e os processos de trabalho contribuem para o aparecimento do desgaste mental e também de perdas subjetivas, usando como exemplo a própria alienação”.

Nesta direção, “trabalhar não é somente produzir, é também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar” (DEJOURS, 2004, p.30).

Na atual realidade dos profissionais da educação, a organização do trabalho os influencia, ao favorecer ou anteparar a sua atividade. Essa “obstaculização do poder de agir acarreta o desencadeamento do sofrimento psíquico e/ou adoecimento dos docentes” (SILVA, 2020, p. 420). Portanto, “o reconhecimento por parte do coletivo de trabalho, a organização, a satisfação e realização pelo trabalho têm determinante significado na preservação na saúde psíquica dos indivíduos, bem como na constituição de subjetividades autênticas” (GERNET; DEJOURS, 2013 *apud* SILVA, 2020, p. 422). Na pandemia, houve uma fragilidade na subjetividade dos docentes, pela falta de seu reconhecimento pelas instituições de ensino e alunos e pelas sobrecargas de trabalho (laboral e doméstica) às quais foram submetidos.

As instituições escolares tiveram que desenvolver um novo formato de ensino (remoto) e os professores foram submetidos a novas condições de trabalho. Grande parte das escolas se desdobrou para continuar proporcionado aos seus alunos o acesso à educação e, para isso, o trabalho docente foi essencial. Conforme Lamim, Nascimento e Cordeiro (2020, p.08), “todosos professores queixam sobre a cobrança das escolas e seus superiores, sobre o trabalho em tempo de pandemia: mudam-se os desafios, aumentam as cobranças, lida-se com frustrações”.

Dessa forma, as novas condições do trabalho docente foram marcadas por muitos desafios, cobranças, sobrecarga de tarefas e falta de reconhecimento de todos que os cercam, intensificando o desgaste mental. Essa condição, associada à sobrecarga de trabalho docente remoto, à necessidade de produtividade e às dificuldades frente às relações interpessoais, influenciou negativamente a subjetividade dos trabalhadores docentes, provocando e/ou favorecendo a diminuição da sua capacidade de pensar ou agir por si próprios. Se antes, para muitos, o trabalho dos professores se resumia a passar o conteúdo aos alunos dentro de sala de aula, com a pandemia eles passaram a ter inúmeros outros afazeres, como: preparação de slides, criação de links para acesso da aula, além de conversas mais frequentes com os alunos, por diversos meios de comunicação, para aproximar-se nesse momento em que estão tão distantes.

As condições e organizações de trabalho docente se transformaram muito. O trabalho

continua sendo de natureza imaterial, embora mais exposto a condições materiais e contratuais precárias. Em que pese ser produzido pelo homem, enquanto o produz, nem sempre é possível enxergar seus resultados. Em face de muitos outros fatores relacionados à natureza do trabalho docente e às condições do exercício da profissão, têm sido crescentes as cobranças das instituições, a sobrecarga de trabalho e conseqüentemente, a intensificação do sofrimento mental e adoecimento dos docentes.

Impactos do trabalho remoto na saúde mental dos docentes

As antigas e novas condições, conteúdos, organização e formatos do trabalho docente foram sempre marcados por: “[...] intensificação da jornada diária; falta de valorização do professor (econômica e socialmente); excesso de controle institucional; falta de apoio da gestão quando os professores são desrespeitados; e a responsabilização individual dos docentes pelo fracasso dos alunos” (GOMES; BRITO, 2006 *apud* SOUZA, 2021, p. 04). O trabalho docente remoto apresenta indícios de agravamento de muitas dessas características e condições.

Segundo Ferreira (2019 *apud* SOUZA, 2021), na pandemia, os docentes passaram a sofrer de distúrbios de voz, distúrbios osteomusculares e, principalmente, problemas relacionados à saúde mental. Destacam-se vivências de sofrimento psíquico e sintomas de mal-estar, como: “sofrimento, nervosismo, esgotamento mental, estresse, ansiedade, irritabilidade, depressão, medo, cansaço e perturbações do sono, como insônia ou sono que não é reparador”. (FERREIRA, 2019; NEVES, SILVA, 2006, p.66). No cenário pandêmico, o confronto com o desconhecido pode gerar angústia e se transformar em ansiedade, pânico. Dependendo da forma como se lida com a situação, sobretudo naqueles que já apresentavam algum tipo de sintoma, o desencadeamento de problemas no âmbito da saúde mental é uma evidência.

De acordo com Souza (2021), conforme o documento “Resumo de política: Covid-19 e a necessidade de ação em saúde mental”, emitido pela Organização das Nações Unidas (ONU), o impacto da pandemia na saúde mental das pessoas é extremamente grave. As informações imprecisas e rumores frequentes sobre o vírus e suas implicações geraram sentimento de insegurança sobre o futuro. Cada vez mais o sofrimento passou a fazer parte da vida dos docentes. Pressionados pelas instituições de ensino para darem continuidade aos seus trabalhos, em um novo formato e organização, ficaram extremamente angustiados com

realidade sanitária que os atingiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período pandêmico, os docentes tiveram que se apropriar de diversos recursos tecnológicos para exercer o ensino remoto de forma efetiva. No entanto, isso não foi fácil. Muitos foram os desafios encontrados, tais como: o pouco conhecimento acerca das tecnologias digitais, a ausência ou a pouca participação dos alunos durante as aulas, as limitações no processo avaliativo e a sobrecarga de atividades (laborais e domésticas), às quais os professores foram submetidos. Esses desafios e dificuldades dos professores, diante desse novo cenário, foram além da questão de utilização dos equipamentos tecnológicos, visto que, no formato remoto, ocorreu uma invasão do espaço da casa dos docentes - local de descanso, lazer, relaxamento, cuidado com outros membros familiares - pelas atividades de trabalho.

A casa dos professores teve sua privacidade e a intimidade de seus moradores às vezes compartilhada e até mesmo divulgada ao restante da comunidade acadêmica. Os professores se viram, cada vez mais, submetidos a jornadas de trabalho sem fim, muitas vezes misturadas aos contextos e problemáticas de suas casas, então novos locais de trabalho, enfrentando, assim, muitas pressões, cobranças e falta de reconhecimento. Ademais, o ensino remoto envolveu adaptações em espaços e mobílias, sem contar que os gastos necessários para o trabalho - como a energia, internet, equipamentos tecnológicos - foram assumidos pelos próprios docentes.

A nova organização do trabalho fez com que os docentes tivessem o seu direito de preservação de imagem sequestrado pela pandemia. Eles passaram a não ter espaço para suas vidas pessoais, visto que não importava o horário ou o dia: sempre recebiam mensagens em aplicativos de respostas simultâneas relacionados ao trabalho, sendo cobrados a todo o momento. Somavam-se a isso as preocupações quanto ao fato de os discentes estarem ou não aprendendo, pois nem sempre, pelo modo remoto, se fez possível acompanhar as relações e a interatividade entre alunos e docentes.

Constatou-se uma inabilidade no uso das tecnologias no processo ensino-aprendizagem, associada à autocobrança e pressão das instituições de ensino e à rápida necessidade de inseri-las na prática pedagógica. Isso - somado à sobrecarga de trabalho, às obrigações domésticas e ao ritmo e volume de atividades - resultou em um maior risco à

fragilidade da subjetividade e ao desenvolvimento do sofrimento psicoemocional, podendo agravar-se e evoluir para um adoecimento mental. Para prevenir o sofrimento mental, intensificado pela imposição da adaptação imediata à nova realidade, as instituições de ensino precisariam promover capacitações para o uso das TDIC e o planejamento do trabalho laboral em casa. Seria essencial que os docentes e toda a equipe fossem acompanhados em suas atividades laborais e profissionais por profissionais qualificados, com uma escuta próxima e sensível, a fim de reconhecer as suas potencialidades e limitações diante um processo em que estavam mergulhados, de modo a poder identificar indícios de sofrimento psicoemocionais, evitando e/ou minimizando o risco de agravamento do seu estado de saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010. Disponível em: https://educ.unifei.edu.br/wpcontent/uploads/2020/05/transformacoes_no_trabalho_e_formacao_docente_ead.pdf. Acesso: 24 out. 2021.

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão voluntária**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, A. L. **Cerca de seis milhões de alunos brasileiros não têm acesso à internet**.

Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/09/4873174-cerca-d-e-seis-milhoes-de-alunos-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

ARAÚJO, M. O trabalho precário nos Institutos Federais: uma análise dos processos de intensificação do trabalho verticalizado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e226325, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/dDKFvgBBXB3ws695LpjSPvS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BRUCHÊZ, A.; KIEKOW, A.; SEBEN, P.; DORIONO, E. Relação entre capital humano e competitividade: revisão sistemática da teoria de Drucker. **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais** - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de outubro de 2016. Disponível em: [https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/download/83/75#:~:text=De acordo com Davenport \(2000\), conhecimento, habilidade e talento. Acesso em: 04 nov. 2021.](https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/download/83/75#:~:text=De acordo com Davenport (2000), conhecimento, habilidade e talento. Acesso em: 04 nov. 2021.)

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, A.M.; DIAS, E. F. **Introdução ao pensamento sociológico**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.

COSTA, C.; ALMEIDA, E.; SIMÃO, F. Críticas à teoria do capital humano: uma contribuição à análise de políticas públicas em educação. **Congresso Nacional de Educação** – Brasil, 18 a 20 de setembro de 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_20_07_2014_22_19_38_idinscrito_3450_77822dda474ba55c5b15d1d839ad1b25.pdf. Acesso em: 27dez. 2021.

DAL ROSSO, S. **Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/Rxgz6YjbMvTVm8C5sPDrMyN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

DARDOT. P.; LAVAL, C. 2016. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 027-034, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2022.

FERREIRA, L. L. Lições de professores sobre suas alegrias e dores no trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, 2019. Suplemento 1.

GALINDO, M. C. T.; MACIEL, R. H. M. O.; MATOS, T. R.; FILHO, M. V. C. V.; VALE, S. F.; SILVA, R. Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente em uma Instituição de Ensino Superior. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 13(3), 2020, e15215. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v13n3/09.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

GONZALEZ REY, F. L. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

IDAIANE, A. **Valorização do capital humano**: uma busca pela vantagem competitiva por meio de análise entre os anos de 2010 a 2018. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/administracao-financas/valorizacao-capital-humano-uma-busca-pela-vantagem-competitiva.htm#indice_3. Acesso em: 15 jan. 2022.

IMEN, P. Organização do trabalho. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade

de Educação, 2010. CDROM.

LAMIM, J.; NASCIMENTO, S.; CORDEIRO, E. Condições do trabalho docente durante as aulas remotas: desafios educacionais pós-pandemia. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação**, Marabá-PA, v.2, n. 2, p. 354-364, jul.-dez.2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/1387/610>. Acesso em: 04nov. 2021.

LIMA, A. P.; PEREIRA, M. F. Educação x pandemia: Os desafios do ensino remoto. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p.68803-68815jul.2021.Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32605/pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MELITO, L. **A precarização do trabalho docente em tempos de ensino remoto**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/28/a-precarizacao-do-trabalho-docente-em-tempos- de-ensino-remoto>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MIGLIAVACCA, A. Condições de trabalho do professor. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte:UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

MILL, D. Docência virtual: uma visão crítica. Campinas: São Paulo: Papyrus, 2015.

MONTENEGRO, R.; MATOS, E.; LIMA, M. S. Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6476/5499>. Acesso em: 11 ago. 2021.

NETA, A; MOURA, J.; CARDOSO, B.; NUNES, C. Contextos da precarização docente na educação brasileira. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 10, p. 1-25, 2020. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1261/697> Acesso em: 04 nov. 2021.

NEVES, M. Y. R.; SILVA, E. S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2006.

OLIVEIRA, D.A. Trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

OLIVEIRA, D.A.; ASSUNÇÃO, A.A. Condições de trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. BeloHorizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PENTEADO, R.; COSTA, B. C. Trabalho docente com videoaulas em Ead: dificuldades de professores e desafios para formação e a profissão docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.37, e236284, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/KxHNB8BpTrJZLbfnbVVTkkJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PERIN, E. dos S.; FREITAS, M. do C. D.; COELHO, T. R. (2021). Modelo de competência docente digital. In **SciELO Preprints**. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.1961>. Acesso em: 10 ago. 2021.

RODRIGUES, A. M.; SOUZA, K. R.; TEIXEIRA, L. R.; LARENTIS, A. L. A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(5):1829-1838, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/qDpBmVgw4JJn5FcvjzCcyj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ROSA, M. C. A cultura no espaço virtual: novas aprendizagens para o professor de arte. **Núcleo Pedagógico de Educação e Arte**, 2020. Disponível em:
<https://pdfs.semanticscholar.org/cf46/2685997425e397618ba9a8f9a5ead63f4374.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021.

SILVA, G. Subjetividade e saúde mental no trabalho. In: SCHMIDT, M. L **Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho**: principais conceitos e terminologias. São Paulo: Editora FiloCzar, 2020. p. 420-422.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução George Schlesinger1. Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

ALVES, A. C. G. Cláudia; SANTOS, A. C. O desgaste mental docente no ensino superior público e a relação com a subjetividade. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.5, p.44985-44999, mai. 2021. Disponível em:
<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/29350/23150>. Acesso em: 24 ago. 2021.